



## Concepções e Metodologias Participativas de Extensão Rural

### Área Temática: Relato de experiências, metodologia e extensão

Isabel de J. Santos<sup>1</sup>, Iolanda C. de Oliveira<sup>2</sup>, Irenilda de S. Lima<sup>3</sup>

*Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, Recife-PE- isaagronomia@gmail.com*

*Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Campus Mamanguape - iole38@gmail.com*

*Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE -irenilima@gmail.com*

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar as experiências do Movimento de Apoio e Agricultura Familiar e Agroecologia-AGROVIDA, situada no Centro de Ciências, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Apontando uma dificuldade na forma como os pesquisadores e estudiosos tem concebido a formação extensionista rural, propomos aqui fazê-lo num contexto mais amplo que leve em conta essa formação no bojo da extensão universitária. O estudo foi de cunho qualitativo na perspectiva da construção da pesquisa-ação, cujo percurso metodológico, está baseado nas ideias de Michel Thiollent (2011) quando fala sobre o envolvimento do pesquisador na Pesquisa. Na análise dos conceitos que envolvem essa experiência buscamos subsídios nas concepções de extensão de Paulo Freire, Roberto Francisco Caporal e Juan E. Diaz Bordenave.

*Palavras-chave: Extensão universitária; Extensão rural; Agricultura familiar e Agroecologia*

### **1 Introdução**

Este artigo tem o objetivo, sob breves considerações apresentar a relevância da experiência do Movimento de Apoio e Agricultura Familiar e a Agroecologia-AGROVIDA, no campo da extensão universitária numa intersecção com a formação extensionista rural na área das Ciências Agrárias. Trata-se de um relato de experiência, cujo foco é descrever a experiência do AGROVIDA, em ações de extensão universitária incorporadas a novos enfoques metodológicos e outro paradigma tecnológico baseado nos princípios da Agroecologia que visam romper com as “formas” de extensão rural baseadas na transferência de tecnologia.

O contexto no qual a experiência aqui relatada ocorre é o Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) da Universidade Federal da Bahia (UFRB), localizada no Território do Recôncavo no Estado da Bahia e envolve estudantes dos diversos cursos desta instituição além de professores, agricultores (as) familiares, técnicos (as) e gestores (as) rurais, inseridos no contexto das ações do AGROVIDA - Movimento de Apoio a Agricultura Familiar. Neste artigo, são feitas descrições e análises de uma das intervenções deste movimento no campo da extensão universitária numa dimensão formativa que dá sentido à extensão como um catalisador do conhecimento .

Assim, os esforços do AGROVIDA para capacitar extensionistas rurais inicia-se em 2004 na Antiga Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia-UFBA, no contexto de interiorização do ensino superior público. Nesse período suas ações formativas representou



uma crítica ao modelo extensionista convencional incorporando à extensão universitária novos enfoques metodológicos e outro paradigma tecnológico baseado nos princípios da Agroecologia.

O AGROVIDA passa a problematizar a necessidade de uma concepção de extensão universitária articulada com a formação extensionista rural do estudante estruturada na ciência, cultura e trabalho. O grupo em sua trajetória reconhece que a formação extensionista rural precisa ser incorporada às políticas de Extensão Universitária possibilitando aos estudantes romper com o modelo extensionista baseado na Teoria da Difusão de Inovações, transpondo o currículo hierarquizado, linear e fechado, com a teoria dissociada da prática e da formação profissional.

O AGROVIDA (Movimento de Apoio a Agricultura Familiar e Agroecologia) passou por várias matrizes e diretrizes conceituais, passando a contribuir e mesmo a gerar atividades de extensão universitária no âmbito da formação sociopolítica tomando como público participante destas atividades, sobretudo, são os agricultores familiares e os assentados de Reforma Agrária moradores das comunidades rurais no Estado da Bahia. Assim, a experiência interna acadêmica do AGROVIDA no campo da extensão universitária é anterior a própria criação da UFRB (Lei 11.151, de 2005), que nasce de maneira substantiva e não arbitrária, sendo este um aspecto relevante na maturação do grupo, considerando que a extensão passou a ser apreendida em face de um conjunto de ações, vislumbrando o aprendizado sobre os problemas do cotidiano.

Nessa perspectiva, a extensão universitária desenvolvida pelo AGROVIDA se consolida como prática acadêmica e como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para ação dos estudantes. Desta forma, é relevante registrar as experiências extensionistas do grupo em que destacamos o Programa UNIATER do Governo do Estado iniciado em parceria com o Agrovida em outubro de 2010. Com essa parceria o AGROVIDA passou a desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à implementação de práticas agroecológicas junto aos agricultores familiares contribuindo, desta maneira, para o desenvolvimento de ferramentas metodológicas participativas incorporando elementos da ética sócio-ambiental e conhecimentos sobre Agroecologia.

A defesa da Agroecologia é a base política do Grupo Agrovida, sendo assim, o grupo foi tomando posicionamento perante sua organização para defender uma ação de Extensão Universitária que tivesse alicerçada nos conhecimentos de base agroecológica. Caporal (2006) considera a Agroecologia um campo de conhecimento multidisciplinar que pretende contribuir com os modelos de produções agropecuárias de base ecológica numa perspectiva multidimensional de longo prazo da sustentabilidade. “O enfoque agroecológico corresponde a aplicação de conceitos e princípios da Ecologia e desempenho de ecossistemas sustentáveis” (GLISSEMAM apud CAPORAL, 2006 p.2).

Nessa perspectiva, a Agroecologia como um campo de conhecimento está alicerçado como faz ver o AGROVIDA na valorização dos conhecimentos dos agricultores familiares, assentados, povos e comunidades tradicionais onde se entrelaçam um conjunto de saberes, fazeres, práticas construída no fluxo das experiências contínuas da Extensão Acadêmica e Universitária.

## **2 Extensão Universitária numa dimensão formativa na área das ciências agrárias.**



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

A compreensão do termo extensão no primeiro momento para o AGROVIDA apresenta-se como um enigma e, as tentativas em decifrá-lo contribuí para elucidar os contornos tão variados deste termo que reflete na prática acadêmica do estudante no campo da Extensão Rural no Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas que vem aprimorando suas ações a partir de um conjunto de saberes, fazeres, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos.

Um referencial importante na análise do termo “extensão” é a visão de Paulo Freire que em sua obra “Extensão ou Comunicação?” traduz uma análise desse termo ou expressão num sentido lingüístico apontando ser a Extensão um processo de dialógico e de aprendizagem. Quando o autor fala da extensão rural também direciona seu olhar para as habilidades profissionais das Ciências Agrárias.

(...) o agrônomo educador que não se esgota e não deve esgotar-se no domínio da técnica, pois que esta não existe sem os homens e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar. Não há de considerar perdido o tempo de diálogo que problematizando critica e criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação. Ainda quando, para nós, o trabalho do agrônomo educador se restringisse apenas na esfera do aprendizado de técnicas novas, não haveria como comparar a dialogicidade com a antialogicidade (FREIRE 1983, 71-72).

A Comunicação se insere como um elemento importante nos espaços de formação desenvolvido junto aos agricultores familiares. Nesse processo há uma aproximação uma relação de compartilhamento entre os diferentes sujeitos que segundo a visão freirena perfaz “ uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes.” ( FREIRE, 2011, p.106-107).

Nesta perspectiva, é possível pensar a idéia de extensão como elemento comunicativo, dialógico em que o termo comunicação transcende a terminologia extensão, considerando que a comunicação quando realizada numa dimensão construtiva e reconstrutiva do conhecimento provoca e possibilita uma ruptura com o viés tecnicista do fazer, que ainda hoje persistem nas práticas de extensão voltadas principalmente para o meio rural.

A Extensão Rural no Brasil, durante muitos anos foi baseada na teoria de difusão de inovações, isto reflete até hoje na formação dos profissionais das Ciências Agrárias, porém, o Grupo Agrovida, começou a problematizar a categoria Extensão Rural no sentido compreensão da mesma no âmbito da Extensão Universitária.

Em sua análise acerca dos sentidos da Extensão Rural Callou (2006) enfatiza alguns dos significados para o entendimento desse termo. O primeiro significado desenvolvido foi o de padrão Americano voltado para serviço na área da saúde. Outro significado importante surge da visão de extensão vinculado a ideia de educação, voltado para as populações carentes. Um terceiro significado diz respeito a ajuda técnica e financeira. Já o quarto significado refere-se à ajuda técnica e financeira como “ferramenta” de educação, excluindo os proprietários dos minifúndios. O quinto significado surge como difusão de inovações técnicas para o desenvolvimento agrícola brasileiro, modernização agropecuária. Sendo o sexto significado com a fusão do extensionismo inovador das tecnologias modernas e ao processo educador



# 9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

“humanista”. No sétimo significado encontramos o entendimento de Extensão como expressão da Comunicação dialógica que se aproxima do oitavo significado de extensão vista no âmbito da mobilização para a participação sociopolítica e econômica. E por fim, o nono significados que coloca a extensão rural pautada no desenvolvimento local e o décimo que indica o significado de extensão como forma de estimular, animar, e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, envolvendo atividades agrícolas e não agrícolas, no fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações.

Para Glismam apud Caporal (2006) o enfoque agroecológico na perspectiva de aplicação de conceitos metodológicos, adquire enorme complexidade que corresponde aos três níveis fundamentais para conversão de agroecossistemas sustentáveis, ou seja, o processo de transição agroecológica: Primeiro nível é a redução dos insumos externos, mas sem eliminá-los, o segundo nível substituição de insumos convencionais por insumos alternativos e o terceiro nível transição é representado pelo redesenho dos agroecossistemas.

### **3 Estratégias teórico-metodológicas**

Na dimensão metodológica da experiência de extensão universitária desenvolvido pelo AGROVIDA na proposta de inserção da Chamada Pública Estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural para o Território do Recôncavo foram construídos os processos de planejamento para a formação dos agentes multiplicadores de Agroecologia com métodos e técnicas participativas envolvendo agricultores familiares, técnicos assessores e agentes multiplicadores de Agroecologia-AMAs.

Na perspectiva qualitativa o projeto proporcionou instrumentos de transição agroecológica e avanços nas ações das associações, cooperativas e grupos informais. Foram demonstrada novas possibilidades de organização da produção, comercialização e apoio técnico voltado para geração de ocupação e renda para os Territórios do Baixo Sul e do Recôncavo da Bahia. Uma das especificidades do projeto consistiu numa ação formativa de extensão rural integrando a dimensão teórico-prática correspondentes aos aspectos comunicativos que difere de um processo unilateral de emissão-trasmissão-recepção do conhecimento e informação, já que foi construído como processo multidirecionado e de ampla interação entre os agricultores familiares, os estudantes e técnicos.

O caráter processual, referido pelo Doutor em Educação Marco Antonio Larielle (1997) alude ao aperfeiçoamento da experiência de formação perfazendo à ideia de que o termo formação pode significar também um processo ou conjunto de ações ou de procedimentos. Ressaltando que ambos são constitutivos de uma configuração que implica no caso específico do AGROVIDA, em ações formativas, de cunho teórico-metodológico que incorporam uma mudança na matriz tecnológica das Ciências Agrárias, propondo a Agroecologia como matriz de produção.

Deste modo, o AGROVIDA passa a construir ações formativas a partir de uma concepção de Extensão Universitária vista em seu caráter processual numa dimensão sócio-educativa-cultural-política e científica que viabiliza a pensar da formação á partir de múltiplos processos cujo agente só pode ser o próprio sujeito. Essa concepção difere de uma visão de extensão reduzida a conjunto articulado de programas, projetos, curso, eventos, congressos que ocorrem no âmbito acadêmico.



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA  
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”**

É importante considerar que o conceito de extensão em seu caráter processual se alia também a um fluxo contínuo e experiencial científico numa “multiplicidade de ações” cujas exigências não devem ser apenas de conhecimentos técnico-profissionais, mas de um conjunto de conhecimentos construído e recriados no bojo das experiências.

Vale ressaltar que o AGROVIDA apesar de não ter um método ou técnica indicada no processo de Extensão Rural, desenvolve suas ações a partir da idéia de um trabalho interdisciplinar, multi-organizacional e territorial com a participação dos agricultores familiares. Essas ações formativas permitem construir com pessoas das comunidades de diversas faixas etárias: adolescentes, jovens, adultos e idosos, buscando ferramentas e instrumentos para que os agricultores dependam cada vez menos dos assessores e busquem formas de autonomia no fortalecimento do processo de organização comunitária visando posteriormente propostas de aplicabilidade das políticas.



#### 4 Considerações Finais

Como parte de uma experiência de extensão universitária o corpus de ações desenvolvida no campo da Extensão Rural, foi possível uma maior atuação do AGROVIDA com jovens do campo num universo de intervenção com 1273 famílias de agricultores familiares e assentados, organizados em redes associativas em 7 municípios e 58 comunidades. Realizaram-se seminários, a exemplo do ocorrido no Território do Recôncavo com a participação de 50 lideranças comunitárias das associações.

Nessa perspectiva, o movimento pode possibilitar inserção dos jovens e também dos agricultores familiares em eventos no território, com maior participação das associações, cooperativas e grupos informais.

Houve uma participação maior da juventude rural no envolvimento político possibilitando uma maior formação crítica sobre as questões política e maior interesse em compreender as relações sociais que gira em torno do “ser jovem rural”.

No âmbito econômico o projeto possibilitou aos agentes multiplicadores de Agroecologia um auxílio financeiro durante 10 meses, no final das ações uma área produtiva demonstrativa em agroecológico, dando visibilidade sobre as questões de soberania alimentar e nutricional da família, bem como uma fonte de renda para os jovens rurais, e isso fez com que eles percebessem que é possível morar no campo e ter acesso a políticas sociais, bem como geração de renda.

Foi possível nesse processo possibilitar as famílias ter acesso a tecnologia de produção, a formação crítica, a possibilidade de conhecer os riscos oferecidos pelos agrotóxicos, despertando interesse sobre a Agroecologia.

Nas multiplicidades de ações foram realizadas vinte e quatro oficinas, quinze atividades de planejamento, avaliação e monitoramento; dois encontros sobre Agricultura Familiar e Agroecologia. Foram realizados três intercâmbios no Território do Baixo Sul e Recôncavo com a participação de 57 pessoas, o outro com a participação de 30 pessoas respectivamente, com o objetivo de proporcionar integração entre os jovens, entre os conhecimentos sobre a realidade local, quanto à organização da produção e o nível de relações dos dois territórios. Foram implantados 58 campos demonstrativos em Agroecologia, a maioria sob responsabilidade dos jovens multiplicadores e, foram realizadas 8 ações de dias de campo com a participação total de 178 pessoas.

Os associados do Movimento de Apoio a Agricultura Familiar e a Agroecologia participaram das ações do projeto, foi possível desenvolver um processo de aprendizagem na gestão coletiva participativa do projeto com os diretores de forma integrada com a equipe do projeto e representantes das associações e cooperativas.

É importante considerar esse aspecto porque a compreensão da forma integrada das ações de extensão rural que possa permitir experimentar metodologias de ATER com estudantes, professores, técnicos, gestores públicos, agricultores familiares e com ampla participação da juventude. Essa metodologia é um tipo de princípio metodológico de construção da estruturação dessas experiências, e nesse contexto a diretoria do grupo AGROVIDA, mesmo sendo jovens rurais e estudantes universitários exerceram suas funções acima das expectativas propostas no próprio projeto.



As ações diretamente relacionadas com o projeto ampliam a “*produção do conhecimento acadêmico*”, com elaboração de trabalhos acadêmicos tais como: dissertações, trabalhos de conclusões de cursos, bolsas de iniciação científicas, em conseqüentemente publicações de trabalhos científicos em eventos acadêmicos relacionados a temática da Agroecologia e Extensão, a partir de informações e conhecimentos gerados com as ações do UNIATER/AGROVIDA.

### **Bibliografia**

AGRICULTURAS: **Experiências em Agroecologia**. Revista, v.7, nº 3. Rio de Janeiro, out. 2010.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação Rural**. Brasiliense. 1983. 143 p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, A. J.; PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Disponível em: < [www.agroecologiaemrede.org.br/.../P399\\_2005-11-10\\_133719\\_016.pdf](http://www.agroecologiaemrede.org.br/.../P399_2005-11-10_133719_016.pdf) > Acesso em: 17 de mai de 2010.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**, 4ª edição, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1979, 131p.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**, 4ª edição, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**, 16ª edição, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, 4ª edição, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1979, 131p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 50ª edição, 2011, 251p.

GOMES, M.A.O. SOUZA, A.V.A. de. CARVALHO, R.S. de. **Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigado de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários**. In: Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. BROSE, Marcuse (org.). Porto Alegre-RS: Tomo Editorial, 2005, 205p.

JEZIANE, Edineide. **A crise da Universidade e o compromisso social da Extensão Universitária**. João Pessoa. UFPB. 2006.332p.

LIMA, S.L.S. **Organização socioeconômica e o papel do Estado na configuração territorial do Sertão Nordestino**. Revista de geografia agrária, v.4.n.7,p.140-166,fev.2009.

LORIERI, M. A. **A Filosofia como necessidade humana**. Anais do fórum "Filosofia e Educação: a formação do ser humano".. Cuiabá - MT : EdUFMT, 1997. v. único. p. 15-18.

PERTENSON, P. & ROMONO, O.J. (org). **Abordagens participativas para o desenvolvimento local**. AS-PTA. Rio de Janeiro-RJ. 1999.144pg.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.